

# DOIS

## IRÈNE NÉMIROVSKY

Traduzido do original francês por **Maria Ponce de Leão**



Eles beijavam-se. Eram jovens. Os beijos surgem tão naturalmente nos lábios quando uma rapariga tem vinte anos! Não é amor, mas um jogo; não se procura a felicidade, mas um momento de prazer. O coração ainda não deseja nada: foi inundado de amor na infância, saciado de ternura. Que agora se acalme. Que durma! Que seja esquecido!

Eles riam-se. Eles pronunciavam os nomes um do outro em voz baixa (mal se conheciam).

— Marianne!

— Antoine!

Depois:

— Gosto muito de si.

— Ah! Como me agradas!

Estavam deitados num sofá estreito, num quarto escuro; tinham apagado a luz dos candeeiros. Outro par, meio escondido por um biombo diante da lareira acesa, conversava em voz baixa, sem lhes prestar atenção. Um jovem, sentado de pernas cruzadas no chão, com a cabeça apoiada na mão, parecia dormir. Os cinco tinham jantado num pequeno hotel perdido no campo. As jovens usavam vestidos de baile.

Tinha sido um capricho, uma louca aventura. Haviam escapado a uma noite enfadonha. Abandonaram Paris, deixando a cidade para trás. Era noite de Páscoa, a primeira Primavera depois da guerra, uma Primavera sombria e melancólica. No entanto, tinham de voltar: não tardaria a amanhecer.

Marianne levantou-se, afastou as cortinas, abriu a janela. Um nevoeiro espesso e branco como leite deslizava lentamente sobre um rio invisível, cuja proximidade se adivinhava devido ao odor frio da água. Ainda havia luar ou já era dia? Mas não, a noite tinha acabado. A chuva caía. No entanto, tudo parecia maravilhoso. Eles não tinham dormido. Tinham dançado no salão vazio do hotel; tinham bebido e trocado carícias; os rostos estavam cansados, adelgaçados de prazer, mas não envelhecidos ou degradados por ele. Nada altera o brilho da juventude.

Marianne aproximou-se da lareira; exibia um vestido de musselina vermelha e um colar de contas de âmbar ao pescoço, iluminadas pelas chamas, douradas como uvas. Antoine acariciou-as e beijou-lhe o pescoço esguio e nu. Sem uma palavra, sorrindo, ela deixou-se beijar como Solange Saint-Clair nos braços de Dominique Hériot, como todas as jovens que ele conhecera. Sem amor, sem suspeita de prazer, o sentimento de amor e prazer conferia a essas carícias inacabadas e ofegantes um sabor que jamais seria encontrado.

Solange perguntou em voz baixa:  
— Mas que horas são? É tarde?

Ninguém respondeu. Outro beijo, novamente... esses beijos que iludiam a fome e a febre... O cabelo louro de Solange, de um dourado claro e suave, caía-lhe sobre os ombros. O seu rosto parecia misterioso, angelical; estava tão bonita nesse momento que Marianne disse, fitando-a:

— Como és encantadora, Solange... Acho que antes nunca te tinha observado devidamente...

Solange, sem responder, semicerrou os grandes olhos negros. Todos os sentimentos eram inquietantes e confusos naquela noite... a volúpia e a amizade, a fadiga e o prazer. Marianne remexeu o lume com o calcanhar para atear uma última luz. Ajeitou o chapéu. Era esbelta, quase magra, viva e ardente como uma chama; os olhos escuros, rodeados pela pele morena, brilhavam. Antoine aproximou-se da mesa posta e serviu-se de uma bebida. Tinham de partir. Era uma pena. Que noite estranha... Agora, todos estavam em silêncio. Já não lhes apetecia rir.

— Vamos lá! Dominique! Gilbert! Temos de ir embora — disse.

Gilbert, o irmão de Antoine, ainda fingia estar a dormir sentado aos pés de Solange e Dominique, que se beijavam sem lhe prestar atenção. Dominique era mais velho do que os outros, mais vulnerável; ainda não sabia encarar as coisas de ânimo leve; amava Solange.

— Vamos lá — repetiu Antoine.

Dominique ergueu o rosto pálido e cansado:

— Vai-te embora e deixa-nos! Vai! Nunca seremos tão felizes...

— Gostaria de morrer aqui — murmurou Solange.

Morrer... Eles estavam loucos. Voltariam a recuperar a razão de manhã. Mas ele próprio, Antoine, o que fazia aqui? A sua amante esperá-lo-ia em vão esta noite. Porque Nicole era sua amante. Ele tinha-a esquecido... Marianne era apenas um momento de prazer. Sentiu a lucidez ardente proporcionada pela embriaguez. A névoa penetrou lentamente no quarto. Ainda há poucos meses estavam os três, Gilbert, Dominique e ele, deitados na lama da Picardia ou nas areias da Flandres. Apertou violentamente os lábios. Os olhos verdes, um pouco estreitados, quase mongóis, brilharam. Ah! Como se sentia feliz por estar vivo!

Marianne estava de pé, junto dele, quase encostada. De repente, disse, como se lhe tivesse lido o pensamento:

— É maravilhoso...

— Sim — anuiu ele calorosamente.

Ambos pensavam nos jovens, nos seus irmãos, nos seus amigos, cujos ossos há muito se tinham dissolvido na terra, em inúmeras valas comuns. Eles, os sobreviventes, sabiam finalmente que eram mortais. É uma lição que por regra só se aprende quando a juventude termina, mas quem a aprendeu aos vinte anos nunca a esquecerá. Ah! Como era necessário ter pressa de respirar, beijar, beber, amar!

— Virá a minha casa? — sussurrou ao ouvido de Marianne.

— Sim. Quando quiser.

Gilbert aproximou-se. Tinha uma expressão preocupada e os olhos apagados; a barba voltara a crescer no queixo e nas faces. Era hora de partir...

Antoine pegou nos casacos das jovens que elas haviam atirado para cima da cama, ao entrar. Elas levantaram-se. Dominique acendeu o candeeiro, reuniu as malas de mão, as luvas esquecidas e olhou para a mesa. Não restava uma gota de vinho. Marianne passou lentamente o batom sobre os lábios. Como voltar agora? Se os pais, ao contrário dos seus planos, ainda não tivessem deixado Paris, estaria com problemas. Hum! Confiava na sorte. Solange diria que passara a noite na casa de Marianne. Ela, Marianne, que dormira com Solange. Nada se descobriria, nunca se descobria nada. E tanto os seus pais como os de Solange ainda eram novos; as suas próprias paixões ocupavam-nos mais do que as dos filhos. Na casa dela, eram quatro irmãs, cúmplices como deveria ser. Marianne lamentava a ausência da mais nova, Évelyne, a sua favorita. «Que pena... Ela deveria estar ali...», pensou. Esta noite, sem que soubesse porquê, não se parecia com as escapadas habituais. Foi... inesquecível...

Pouco antes de sair, observou mais uma vez o quarto, a velha cama escura, a colcha florida, amarrotada, atirada para o chão, o pequeno sofá rosa. Do grande fogo, que haviam acendido com tanto entusiasmo, apenas restavam cinzas ardentes.

O vestido de Solange, orlado de renda, branco e leve como a espuma do mar, apareceu por um momento iluminado por uma janela aberta, e, em

seguida, atravessaram grandes corredores escuros; a sala de jantar do restaurante estava vazia, e cadeiras de palha encontravam-se colocadas nas mesas, viradas ao contrário. Atravessaram o limiar de um terraço arenoso e vazio e finalmente avistaram os faróis do carro, amarelos e claros, que trespassavam a névoa. Marianne sentiu subitamente o frio da manhã nos braços desnudados e no pescoço. Pegou no casaco que Antoine lhe estendeu. Solange deu alguns passos, levou a mão à testa e pronunciou num tom de voz teatral:

— Oh! Eu não quero ir!

Todos sentiram o mesmo desespero voluptuoso, a angústia que se apodera da alma quando a felicidade acaba, mas ainda está bastante imbuída de felicidade, como o pó da terra é penetrado pela água. O rio corria no mais profundo silêncio. Assim se vê em sonhos uma onda silenciosa e incolor aos pés que desliza e nos transporta para margens esbranquiçadas.

Eles estavam imóveis nas margens, encantados, mas um pequeno grito assustado elevou-se de um arbusto ao lado deles, e avistaram um pássaro de penas cinzentas e trémulas a voar para longe; empoleirou-se na ponta do ramo de uma árvore; um peixe saltou na água. Os sinos começaram a tocar: era manhã de Páscoa.

Os velhos Carmontel tinham reunido os filhos: Pascal e a mulher, Gilbert e o mais novo, Antoine.

O Domingo de Páscoa terminava. Tínhamos acabado de jantar; a refeição fora boa, embora um pouco pesada, com vinhos excelentes.

A família encontrava-se no salão vermelho, atrás das janelas fechadas, ao abrigo da Primavera gelada.

O pai e a mãe estavam sentados um em frente ao outro, os filhos ao seu redor. Tinham sido servidos os pequenos biscoitos cor-de-rosa polvilhados de açúcar; os Carmontel bebiam a sua chávena de café sem cafeína e os filhos o seu café de filtro, especialmente preparado para eles, mas sempre um pouco fraco.

Os pais ouviam, observavam, raramente falavam.

«Eles não têm mais nada a dizer», pensavam os filhos, «nada mais no mundo lhes interessa. Esperam de nós o relato de factos agradáveis que os estimulem e não os alarmem. Em que podem pensar o dia todo? Que morte antecipada, a velhice!»

Os Carmontel saíam pouco: ela queixava-se do coração fragilizado, crises de asfixia, mil maleitas; ele era um homem triste e secreto, que se refugiava nos



seus livros. Há muito tempo que deixara de trabalhar: a antiga firma Carmontel & Filhos já não pertencia à família.

Os dois filhos mais velhos, Pascal e Gilbert, eram advogados. Antoine, cujos estudos tinham sido interrompidos pela guerra, não escolhera uma carreira. Os Carmontel pertenciam a uma antiga e opulenta família de origem burguesa e viviam em grande estilo. Já nenhum dos filhos morava no enorme apartamento sombrio no boulevard Malesherbes. Entraram como estranhos no vasto salão antigo, sufocante, sem flores. Cada um deles tentou ser cordial, gentil, o mais filial possível, os mais velhos para agradar a mãe, e Antoine, que nunca fora o seu favorito, para desenhar um sorriso nos traços finos e desgastados na boca grande e triste do pai.

Os pais não tinham sido felizes juntos, mas agora eram velhos e entre eles formara-se uma amizade invisível aos olhos de outrem; sabiam-se unidos contra inimigos comuns: as preocupações domésticas, a ingratidão dos filhos, o medo da morte. Em certos momentos, apesar das tempestades passadas, tinham consciência de uma aliança contra tudo o que ameaçava o seu descanso, a paz arduamente conquistada pela idade.

Observavam os filhos. Antoine, que caminhava de um lado para o outro, incapaz de dar um momento de descanso ao corpo. Gilbert, silencioso, remoendo problemas que eles não conheciam, que nunca conheceriam. Pascal, absorvido pela família, os filhos, a carreira, as amantes, mil preocupações. Sentiam-se felizes por vê-los. Viviam para

aquelas noites em que os juntavam ao seu redor. Queriam que os filhos viessem, só pensavam neles, mas assim que eles apareciam, sentiam-se inquietos.

Como é que Pascal resolveria o caso Brun?... Ele nunca explicava as coisas com clareza, ao pormenor. Sempre esta impaciência funesta da juventude, esta pressa... E Gilbert?... Era visível que estava apaixonado. Por quem?... Antoine tinha uma amante, essa Nicole Delaney, uma mulher divorciada, mais velha do que ele. Casaria com ela? Quando escolheria uma profissão? Nunca se estava tranquilo com os filhos! Mas de que serve pedir, procurar saber, atormentar incansavelmente os velhos corações que haviam batido tanto, que estavam cansados? Preferiam manter-se na ignorância. A estas vidas agitadas opunham o silêncio, uma aparente incompreensão que escondia uma súplica secreta: — Deixem-nos em paz! Já nos atormentaram o suficiente. Estamos cansados... Deixem-nos, pobres crianças!... — No passado, as dívidas de Pascal, os dois anos que Gilbert, com a ameaça da tuberculose, tivera de passar na Suíça, o carácter indisciplinado de Antoine... A sua própria vida, tão difícil, o desentendimento conjugal, as doenças e principalmente a guerra, os três filhos na frente, dois deles feridos... Finalmente, todos estavam lá, graças a Deus, todos vivos... Eles, os pais, pensavam que tinham merecido o seu repouso.

Com o café, Berthe Carmontel diz:

— Permito um cigarro...

Mas ela temia o fumo; seguia-o inquieta com o olhar. Numa pequena mesa ao seu lado estavam o seu

leque fechado, poções, comprimidos, um lápis anti-enxaqueca. Pegou no leque e, sem o abrir, começou a afastar o fumo da frente com gestos bruscos, agitando os grandes braços finos. As feições enrugadas, a tez plúmbea, revelavam um desgaste profundo do organismo, mas a estrutura era forte, os ossos duros e robustos. Há vinte e seis anos, desde o nascimento de Antoine, ela mantinha a morte sob controle. Nunca tinha sido linda, era pesada e sem graça, mas o rosto fora iluminado com um fogo de vida e de paixão. Mesmo agora, às vezes, quando se animava, a antiga chama reaparecia. Mas não hoje à noite... Hoje à noite, estava pálida e sombria. Tinha os lábios franzidos, pouco visíveis; as feições pareciam descoloradas. Apenas os olhos negros continuavam lindos e penetrantes. O marido foi o primeiro a notar a sua angústia e dirigiu aos filhos um sinal de resignação e de cansaço, quase imperceptível, mas que desde há muito eles compreendiam. Apagaram os cigarros. A Sr.<sup>a</sup> Carmontel perguntou num tom surpreso e brincalhão:

— Não fumam? Receiam incomodar Raymonde?

Não queria que tivessem piedade dela, que lhe lembrassem os seus males, não queria pensar na morte.

Raymonde, mulher de Pascal, uma criatura bonita e forte, de pele branca, cabelos muito negros que formavam cinco pontas sobre a testa e as têmporas, com braços pesados e musculosos, estava no começo da sua terceira gravidez. Sorriu com desdém e, sem responder, baixou os olhos para o casaquinho de bebê que tricotava.